

ATA DA 1ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA (ÚNICA REUNIÃO) DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AMARES, REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E CATORZE

----- Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e catorze, nesta Vila de Amares e no salão nobre do edifício dos Paços do Concelho, realizou a Assembleia Municipal de Amares a **Primeira Sessão Extraordinária** do corrente ano, única reunião, a que presidiu o excelentíssimo senhor Presidente da Mesa - **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, coadjuvado pela Primeira Secretária - **Maria Gracinda Viegas Ferreira Louro Faustino** e pela Segunda Secretária - **Sofia Amélia Araújo Pinto**, e em que participaram os excelentíssimos membros: **Grupo Municipal do Partido Socialista** – Francisco António Pereira Alves, João Batista Veloso, Mário Mendes, Paula Filomena Ferreira da Silva, João Luís Pereira Teixeira, Valéria da Silva, João Carlos Taveira Ribeiro e os srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: de Dornelas – António de Araújo Paredes, de Bouro (Santa Maria) - Elisabete Barbosa da Cunha e da União das Freguesias de Ferreiros, Prozelo e Besteiros – Paulo Jorge Almeida Gomes; **Grupo Municipal Movimento Independente Amares Primeiro** - João Luís Veloso Alves Esteves, António Jorge Ferreira Pinto, Manuel Moreira Bastos, José Maria Fernandes da Silva e pelos srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: da União das Freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos – José Manuel Fernandes de Almeida, de Fiscal - Augusto Fernandes Rodrigues Macedo, Goães - Adelino José Peixoto de Sousa, Lago – Delfim Manuel Silva Rodrigues, Rendufe – Domingos de Almeida Alves e União das Freguesias de Vilela, Seramil e Paredes Secas – Rui Manuel Maia Tomada; **Grupo Municipal do Partido Social Democrata** - Elisabete Maria Martins de Macedo, Martinho Gonçalves Antunes Braga e os srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: da União das Freguesias de Amares e Figueiredo – Alberto Martinho Antunes, de Bouro (Santa Marta) - Carlos Manuel Vilela Pereira Portela e de Carrazedo – João Manuel Vieira Soares; **Grupo Municipal do CDS-PP**: Vítor Patrício Rodrigues Ribeiro e o sr. Presidente de Junta de Freguesia: de Barreiros - João Manuel Vieira Soares; **Grupo Municipal da Coligação Democrática Unitária**: Amândio Jorge da Cunha Antunes; **Presidentes de Juntas de Freguesia – Mandatos Independentes**: da Freguesia de Bico - Fernando Daniel Fernandes Soares, Freguesia de Caires - Pedro António Rodrigues da Silva. -----

O sr. presidente da Mesa da Assembleia, comunicou a substituição feita, nos termos do disposto no artigo 78.º, da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, alterada pelas Leis n.ºs 5-A/2002, de 11 janeiro, 67/2007, de 31 de dezembro, Lei Orgânica n.º 1/2011, de 30 de novembro e pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, pelo sr. Deputado **Sofia Raquel Fernandes de Sousa**, eleito pelo PS, que fundamentadamente, por escrito, se fez substituir, durante o dia vinte e cinco de abril de dois mil e catorze, por **António Manuel Guedes Pereira**, cidadão eleito imediatamente a seguir na ordem da respetiva lista e que, para o efeito, fora devidamente convocado. Tendo-lhe sido verificada a sua identidade e legitimidade, passou a mesma a participar. Seguidamente, comunicou que o sr. **José Lopes Gonçalves Barbosa**, integrado no Grupo Municipal Independente Amares Primeiros, comunicou, por escrito, nos termos do disposto na al. c), do artº 18.º, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, a sua substituição, durante o dia vinte e cinco de abril de dois mil e

catorze, por **Agostinho Vilela Pereira Portela**, que, para o efeito, fora devidamente convocado. Entretanto, verificou-se a sua ausência. -----

AUSÊNCIAS: Verificado o mapa de presenças e feita a chamada foram registadas as seguintes ausências: **FALTAS INJUSTIFICADAS:** membro **João Maria Gonçalves Pereira de Oliveira**; o sr. Presidente da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Torre e Portela – **António Emanuel Afonso Ribeiro**, que não tendo apresentado, por escrito, o pedido de justificação, a Mesa considerou-lhes falta injustificada. **FALTAS JUSTIFICADAS:** membro **Agostinho Vilela Pereira Portela**, que verificando-se a devolução da correspondência/convocatória ao remetente, e o sr. Presidente da Junta de Freguesia de Barreiros – **Silvério de Jesus Barroso da Silva**, que tendo apresentado, por escrito, o pedido de justificação, a Mesa justificou-lhes as respetivas faltas. -----

PRESENCAS DO ÓRGÃO EXECUTIVO:- Estiveram presentes os excelentíssimos Presidente da Câmara Municipal senhor Manuel da Rocha Moreira, os senhores Vereadores: Isidro Gomes de Araújo, Jorge José Tinoco Ferreira, Sandro Miguel de Macedo Peixoto, Cidália Maria Alves de Abreu e Maria Filomena da Silva Araújo. **AUSÊNCIAS:** sra. Vereadora Sara Raquel Marques Ribeiro Leite do Vale, que se encontrava ausente por motivos pessoais.-----

Secretariou a reunião o Técnico Superior - Rui Agostinho Gonçalves Veloso, que havia sido designado para o efeito. -----

A Ordem do Dia para esta sessão era a seguinte: -----

PONTO ÚNICO:- SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----

Às dez e trinta minutos, verificando-se que estava reunido quórum e em conformidade com o disposto no n.º 2, do artigo 12.º do Regimento desta Assembleia, o senhor presidente da Assembleia Municipal declarou aberta a Sessão. -----

PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

----- **JOSÉ CARLOS ALMEIDA BARBOSA DE MACEDO (EM NOME DOS EX-PRESIDENTES DE CÂMARA):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Coube-me a mim explicar a influência do 25 de Abril sobre o poder autárquico. Possivelmente, muitos dos aqui presentes, não conviveram com o poder autárquico antes do 25 de Abril. Nessa altura, o presidente da Câmara era nomeado pelo poder central, e, exercia o cargo em *part-time*. A autarquia não tinha orçamento próprio, e, as obras, eram decididas superiormente. Os municípios não tinham interferência nas decisões concelhias. Uma das grandes conquistas do 25 de Abril, foi, precisamente, a de os autarcas (para a autarquia e para as freguesias) serem eleitos, livremente, pelos municípios. Aqui, competia, a cada cidadão, escolher a pessoa que iria dirigir os

destinos da autarquia. As autarquias passaram também a ter orçamento próprio, sendo parte das verbas transferidas do orçamento de estado e outra parte das receitas próprias. Estas foram as grandes conquistas do 25 de Abril, relativamente às autarquias. A de os munícipes, poderem escolher os seus autarcas, e a de poderem, livremente, escolher quais as obras de maior necessidade para o concelho. Durante os primeiros mandatos, as câmaras tiveram que organizar os serviços administrativos e os serviços técnicos. Os serviços administrativos eram insignificantes e os serviços técnicos eram inexistentes. Para elaboração dos projetos, as câmaras tinham que recorrer a gabinetes exteriores à autarquia. Hoje, felizmente, podemos verificar que as autarquias se encontram organizadas e prontas a responder a cada necessidade. São cada vez mais as transferências de competências para as autarquias, o que obriga a que estas se organizem, para poderem condignamente, responder a cada necessidade. Hoje, podemos verificar que as autarquias, deram um salto importantíssimo, a nível de qualidade e a nível das necessidades das suas populações. Hoje, qualquer concelho tem cobertura a nível do abastecimento de água, de rede de saneamento e de rede elétrica. Hoje, qualquer concelho tem uma rede viária condigna. Hoje, qualquer habitação, mesmo no canto mais remoto do concelho, tem acesso viário condigno, tem rede de abastecimento de água, de energia elétrica e de saneamento. Hoje, os concelhos têm uma cobertura a nível cultural, recreativo e artesanal invejável. Está claro que, depois disto tudo, poderíamos dizer que afinal, os concelhos têm todas as suas necessidades realizadas. Está claro que não. Qualquer candidato a uma autarquia, tem os seus projetos, tem as suas ideias, e tem sempre em mente, que vai fazer pelo seu concelho, tudo de melhor e tudo para o crescimento do mesmo. As ideias são infundáveis. Os projetos são intermináveis. Mas, infelizmente, a realidade depois é completamente diferente. A verba transferida do orçamento de estado, e as receitas próprias, afinal, não chegam nem para metade, das aspirações do autarca. E depois é o dia-a-dia da conta corrente. São os presidentes de Junta, são os munícipes, que diariamente, vem ao gabinete do presidente. Ou por causa do caminho, ou do abastecimento de água, ou do saneamento, ou de qualquer pormenor. Que o presidente tanto quer resolver, mas que, infelizmente, o orçamento mingau da autarquia não lhe permite satisfazer. É o clube de futebol, é o rancho folclórico, é a instituição, que precisa de um pequeno subsídio para sobreviver. Mas que o presidente, não consegue satisfazer, porque as verbas não chegam. É uma e qualquer pequena obra que é necessária em qualquer instituição, mas que o presidente, não consegue satisfazer. Meus amigos. Estas, são as amarguras de um autarca. Que, no fundo do coração, quer satisfazer tudo e todos. Mas cujas verbas, diminutas, do orçamento camarário, não lhe permitem. Temos por fim, os nossos autarcas a nível das juntas de freguesia. Da mesma maneira, todos eles tem os seus projetos e planos. Mas aqui, infelizmente, o orçamento não dá, nem para mandar cantar uma missa. Em meu entender, as juntas de freguesia, ou deveriam ter um orçamento condigno, para poderem livremente, decidir, sobre os seus projetos e obras. Ou então, não passam de meros administrativos para passagem de atestados. Isto é muito confrangedor para qualquer presidente de junta. Mesmo quando tem que ir mendigar qualquer obra, mesmo pequena, junto do presidente de câmara. Há uma coisa que os munícipes podem ter em consideração. Seja qual for o presidente da autarquia. Seja qual for a sua cor partidária. Todos, digo todos, quando assumem

o cargo, é para vem servir as populações. E, quando o não fazem, não é porque o não quererem fazer, mas porque, infelizmente, não o podem fazer. E, aqui, podem ter uma certeza. Ele, ao não satisfazer o pedido do presidente da junta, ou do município, fica sempre com a amargura dentro dele. A amargura de não poder servir. O que muitas vezes lhe tira noites de sono. Estas, muitas vezes, são as amarguras de um autarca. VIVA AMARES. Muito obrigado.” -----

----- **ALBERTO CARLOS ALVES ESTEVES** (EM NOME DOS EX-PRESIDENTES DA ASSEMBELIA MUNICIPAL):- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Quando o meu filho, João, me telefonou no fim de uma reunião de líderes, e me disse que haviam deliberado homenagear e colocar a fotografia dos ex-presidentes de Câmara e da Assembleia Municipal, aqui nos Paços do concelho, eu pensei: «Ainda há pouco tempo deixei de exercer funções como autarca e já me querem reformar para se verem livres de mim definitivamente». Tenho a certeza que não foi essa a razão. Bem pelo contrário, penso eu, porque até hoje, viam-me, uma ou outra vez na rua, agora vão ver-me, todos os dias, nestes Paços do Concelho. Diz-se que a nobreza de um povo vê-se na forma como trata a sua história e a nossa assembleia e a câmara municipal não quiseram mais do que, fazer jus a esse princípio, homenageando os seus ex-autarcas. Quero, por isso, e antes de mais, agradecer à Assembleia Municipal, na pessoa do seu presidente, dr. João Januário, a iniciativa desta homenagem e à Câmara Municipal, também na pessoa do seu presidente, prof. Manuel Moreira, a colaboração que deram para a sua realização. Faço este agradecimento em meu nome e em nome de todos os membros da assembleia, porque esta homenagem não é apenas dirigida aos presidentes da assembleia municipal, mas é dedicada a todos os seus membros (deputados e presidentes de junta), que por aqui têm passado ao longo destes quarenta anos. O mesmo se passará, com certeza, em relação aos executivos camarários. É certo que todos os ora homenageados exerceram funções autárquicas desde o dia 25 de Abril de 1974. Mas não nos podemos esquecer que essa tarefa foi muito mais difícil, nos anos imediatos ao 25 de Abril. Todos sabemos que não havia qualquer experiência ou maturidade políticas, nem da Câmara, nem da Assembleia Municipal. Destes órgãos autárquicos, o primeiro foi completamente renovado e o segundo nasceu com o 25 de abril de 1974. Antes da revolução, o presidente da Câmara era nomeado pelo Governo, e a assembleia municipal não existia. Por isso, muita coisa havia para fazer e longo e espinhoso era o caminho a percorrer... . Porque, se por um lado, a democracia precisava de tempo para se aperfeiçoar, os cravos que ladearam o seu caminho, também tinham vários espinhos que o período revolucionário fez nascer. Nesse processo democrático, enquanto, os partidos iam consolidando a sua ideologia, a sua filosofia e a sua posição no espectro político, os órgãos autárquicos iam amadurecendo e aperfeiçoando o seu modo de funcionamento, sempre no sentido de melhor servir o interesse das suas populações. Era a jovem democracia política a despontar, a dar os seus primeiros passos, imbuída de grandes sonhos e utopias, lado a lado com o poder autárquico que paulatinamente ia procurando o melhor caminho para o desenvolvimento das suas terras. É por isso, que dentre os homenageados uns são maiores protagonistas que outros, porque os primeiros tempos de democracia, como em tudo na vida, foram bem mais difíceis. Eu, excluindo-me dos maiores protagonistas, tive o privilégio e a

satisfação de encontrar a assembleia municipal, já em 1998, a funcionar plenamente, graças ao trabalho esforçado que os colegas, que me haviam antecedido, tinham realizado e da cultura política e democrática que se havia consolidado, o que me facilitou a tarefa de autarca. Sentimo-nos honrados por esta homenagem, e eu sinto-me particularmente orgulhoso, por figurar na mesma galeria e ao lado de autarcas que eu tanto admiro por aquilo que fizeram em prol da democratização do funcionamento dos nossos órgãos autárquicos, e do desenvolvimento do nosso concelho. Por tudo e por todos, a democracia valeu a pena! A todos o meu muito obrigado.”-----

ORDEM DO DIA

PONTO ÚNICO:- SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----

----- **AMÂNDIO JORGE DA CUNHA ANTUNES (CDU):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Viva o 25 de Abril! Viva a Revolução do 25 de Abril! Viva a Democracia! 25 de Abril de 2014. É desta forma, revestidos com uma imensa alegria que celebramos o quadragésimo aniversário da Revolução de Abril. É desta forma que comemoramos o eclodir do «ato e processo mais avançado da nossa história contemporânea». É desta forma que hoje lembramos o ato corajoso e heróico do Movimento das Forças Armadas, logo seguido pelo majestoso levantamento popular. É desta forma que saudamos o fim de 48 anos de ditadura fascista e o advento de um novo regime político, a Democracia, um regime que «realizou profundas transformações democráticas – políticas, económicas, sociais e culturais – que, alicerçadas na afirmação da soberania e independência nacionais, abriram a perspetiva de um novo período da história dos trabalhadores e do povo. Há 40 anos, o Movimento das Forças Armadas e a sublevação do povo do nosso país permitiram que uma nova linguagem coletiva se inscrevesse no ADN de cada um. O dia de hoje serve, de igual modo, para lembrar que a destemida união entre o povo e o MFA cravou o epitáfio eterno do anterior regime, da ditadura fascista, das tentações totalitárias. Cabe a todos nós, cidadãos deste país democrático, a proteção e a manutenção dos Valores de Abril e da Democracia no Futuro de Portugal. Cabe a todos nós, cidadãos deste país democrático, lembrar e inscrever a luta pela Liberdade e pela consagração da Constituição da República, que há 38 anos foi aprovada pela quase totalidade dos deputados da Assembleia Constituinte, à exceção do CDS. Ainda há pouco tempo, mais precisamente no dia 2 de Abril, o Partido Comunista Português «promoveu na biblioteca da Assembleia da República uma sessão evocativa dos 38 anos desta data maior da história recente do país». Na ocasião, o Secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa, afirmou que «comemorar Abril é, hoje, travar uma batalha histórica.» Há 40 anos, «os grandes valores da Revolução de Abril criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e projetaram-se como realidades, necessidades objetivas, experiências e aspirações no futuro democrático de Portugal». Senhoras e Senhores. É um imperativo nacional, de todos nós, cidadãos deste país democrático, defender a Democracia dos ataques das ingerências externas, do neoliberalismo e do capitalismo selvagem. Tornou-se um imperativo de todos, a perseverante construção de um regime de totais liberdades, fraternidade, igualdade e solidariedade. Não podemos permitir que, após 40 anos de Democracia, se volte a

olhar para trás. «A pátria portuguesa vive um dos mais graves e dolorosos períodos da sua longa história de mais de oito séculos. Seguramente, o período mais difícil desde o fim dos negros tempos do fascismo». Não podemos permitir que os verdadeiros carrascos da nossa «profunda crise económica e social» se passem livremente entre nós, regozijando-se por terem encetado o violento Pacto de Agressão «negociado e subscrito, num autêntico ato de abdicação e submissão nacional, por PS, PSD e CDS». Não podemos permitir que as ações deliberadas dos três partidos da *troika*, com a cumplicidade do Presidente da República e o apoio do grande capital, mais a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional – ainda que sem os vistos autorizados –, continuem centrados na «exploração dos trabalhadores e na degradação de direitos», numa ação concertada e vil que «fere as liberdades do povo português, empobrece o país, empurra para o desemprego e a imigração milhares de portugueses, subverte a Constituição da República e põe em causa o futuro coletivo do País e dos portugueses». Não podemos permitir que paire sobre todos nós uma espécie de aura nostálgica de um regime totalitário e fascista que a muitos roubou a vida, que torturou, que proporcionou a estagnação do nosso país, e que ao povo impôs a pobreza e o silêncio de manifestar as condições degradantes de 48 anos de atrasos. Salazar e o seu regime, ao contrário do que propalava anteontem Mário Soares, não tiveram uma única virtude. Salazar e o seu regime espalharam o medo, o obscurantismo, a ignorância, o analfabetismo, a iliteracia, o corporativismo reverencioso, a perseguição, a prisão, a tortura e a guerra. Convém não esquecer que o regime sob o qual o nosso país se manteve ajoelhado durante 48 anos, «onde a supressão das liberdades de expressão, de reunião, manifestação e associação, proibição de partidos políticos, de liberdade sindical e do direito de greve, censura e repressão pela polícia política – lembrando neste ponto que só no período de 1932 a 1951 foram registadas vinte mil, quinhentas e cinquenta e duas detenções políticas –, perseguições, torturas e prisão de opositores aivos à ditadura fascista, 13 anos de guerras coloniais – estas contabilizando mais de dez mil mortos e mais de trinta mil feridos entre os portugueses, e ainda muitos milhares de vítimas entre os povos das ex-colónias –, uma sociedade vigiada, diminuída pelo condicionamento da vida cultural, marcada pela feroz exploração dos trabalhadores e pelo atraso económico e social, uma sociedade insultada pelo domínio da economia nacional às mãos de grande grupos monopolistas». Não podemos permitir que a história se repita. Devemos todos lutar pela consolidação do regime democrático e repudiar a forma como esses estudos de opinião se colocam perante nós, aferindo da “satisfação dos portugueses e da avaliação que fazem da Democracia”. Estudos de opinião que, surgidos num dos momentos mais amargurados da história do nosso país, tentam mascarar e escamotear a verdade dos factos, utilizando os supostos resultados negativos como justificante para a manutenção das falsidades que grassam no âmbito dos discursos daqueles que destroem, a cada dia, o que foi sendo construído desde 25 de Abril de 1974. Não podemos permitir-nos enganar. Senhoras e Senhores. «O país está sob uma inaceitável intervenção externa que agride a sua inabalável soberania e põe em risco a independência nacional.» Temos vivido sob a sombra das *troikas*, nacional e estrangeira, que socorridas pela conivência do Presidente da República e unidas pelo lastro dos anteriores governos, têm imposto aos portugueses as mais vis «políticas de recuperação capitalista e latifundista, de privatizações e

reconstituição do poder dos grupos económicos monopolistas». «Políticas que afundaram a produção nacional, arruinaram a economia e endividaram o país. Políticas de intensificação da exploração, de destruição dos direitos laboriais e sociais e das conquistas de Abril – o Serviço Nacional de Saúde, a Escola Pública, um abrangente e universal Serviço Público de Segurança Social – e que geraram mais fome e miséria.» Não, o país não está melhor. O país está pior! Marx e Engels escreveram: «A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado.» Hoje, passados quase 150 anos desde a publicação daquelas palavras, assistimos ao aprofundamento vertiginoso do hiato entre os mais ricos e os mais pobres. Assistimos com grave preocupação à cada vez maior diferença de rendimentos entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres, diferença que tem vindo constantemente a ser alargada. Assistimos à escalada imparável do risco de pobreza. Assistimos ao aumento meteórico da taxa de privação material e da taxa de privação material severa. Assistimos ao disparo constantemente crescente dos indicadores de desigualdade. Assistimos ao aparecimento destes números com profunda apreensão. Marx ensina-nos que «a história de todas as sociedades até ao momento presente é a história das lutas de classes». Lembrámo-nos de Álvaro Cunhal. Ele que no dia 30 de Abril de 1974, num discurso proferido à chegada ao Aeroporto de Lisboa, disse: «O momento exige que se reforce na ação diária a unidade da classe operária, a unidade das massas populares – força motora das grandes transformações sociais; que se alargue e reforce na ação diária a unidade de todos os democratas e patriotas e se desenvolva impetuosamente a sua força organizada.» Palavras de Álvaro Cunha que, ainda hoje, 40 anos depois, constituem sentido prático e temporal. Senhoras e Senhores. «O Partido Comunista Português, Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, Partido da luta pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo, Partido de Abril, apela a todos os homens e mulheres de Portugal, à juventude, a todos os democratas e patriotas, aos que consideram que a pátria não se vende, aos que repudiam a exploração e a opressão, aos que defendem valores solidários, fraternos e de esquerda, para que, pela sua coragem, a sua vontade, a sua voz e a sua luta, mantenham vivos os Valores de Abril para que estes se projetem, consolidem e desenvolvam no futuro de Portugal.» Dizemo-lo com a Liberdade que nos foi conferida e pela qual lutaremos até ao fim. Pela Democracia! Pela Liberdade! Pelos Valores de Abril! Por Portugal! Viva o 25 de Abril!» -----

----- **VÍTOR PATRÍCIO RODRIGUES RIBEIRO (CDS-PP):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Esta sessão solene não teria a mesma importância sem a vossa presença. As eleições que nos elegeram, ao abrigo da Constituição elaborada após o 25 de Abril de 1974, é uma conquista da revolução dos cravos que hoje assinalamos os 40 anos e que é um marco incontornável da história recente do país. Este ano é especial para todos os amarenses, pois a este momento de celebração nacional junta-se o orgulho do 5.º centenário sobre a atribuição do foral ao Concelho de Amares. Mais dos que evocar os acontecimentos que caracterizaram a revolução, sobejamente conhecidos pelos presentes celebra-se hoje sobretudo a Liberdade. Os efeitos e as consequências da heroica atuação coordenada pelo MFA permitiram

uma profunda transformação na sociedade e no país. Certamente muitos dos presentes podem comparar o antes e o depois do 25 de abril. Hoje são muitos os filhos do 25 de abril. Com 37 anos faço parte dos cerca de 47%, *i.e.* cerca de cinco milhões de portugueses, que apenas viveram o pós-25 de abril. Sentimos o que é viver em democracia e em liberdade. Obrigado. Senhoras e Senhores; É indiscutível que Portugal é hoje um país mais livre. Um país onde a mulher se empoderou. Hoje podemos orgulhosamente constatar que fazemos parte dos 14% da população mundial que vive em democracia plena. Devemo-lo indiscutivelmente ao grupo de jovens que movidos por um sonho de liberdade, valores e princípios, para Portugal, se arriscaram em nome de todos nós e nos trouxeram a esperança de Abril. Nos últimos 40 anos: - Criámos uma sociedade com profundas desigualdades; - Criámos uma sociedade em que a justiça, a educação, a saúde e outros serviços fundamentais parecem não ser iguais para todos; - Criámos uma sociedade onde a família deixou de ser valorizada; onde a palavra, a honra, a ética ou o dever do serviço público deixaram de ter significado na política; - Temos uma sociedade que envelhece e onde mais de um milhão e duzentos mil idosos vivem sozinhos ou na companhia de outro idoso. - Celebramos 40 anos numa data em que estamos a viver em Portugal um momento particularmente difícil. Os efeitos da crise económica global nas famílias agravaram-se pelo facto de termos de pagar uma fatura que alguns criaram. É preciso mudar a forma de fazer política e respeitar o valor da palavra, da família e da solidariedade. Temos um país com diversas oportunidades. Temos jovens com enormes qualidades. Jovens que pela inércia de muitos autarcas se veem forçados a emigrarem perdendo a esperança. Aquela esperança que motivou e sustentou o sucesso da revolução dos cravos. O descrédito vê-se no aumento da abstenção eleitoral. É um contrassenso termos conquistado, em abril de 1974, o direito ao voto e hoje não o exercer. Celebrar hoje o 25 de abril mais do que uma homenagem deve ser uma ponte para a reflexão. É importante reconhecer e elogiar o passado recente, mas também refletir sobre o presente para melhorar o futuro. Relembro as palavras proferidas ao muito pouco tempo pelo 1.º presidente da República pós-25 de abril e na égide da atual constituição. Sinto-me confortável por o citar pois não é do meu partido mas é uma figura incontornável da nossa história recente. A sua resposta à pergunta sobre qual o futuro da demografia é um elemento de motivação para muitos jovens da minha geração: “Os mais jovens são os que melhores condições têm para dar essa lição de democracia porque ainda não presos a interesses que não sejam interesses do desenvolvimento” (General Ramalho Eanes). Viva a Liberdade! Viva Portugal! Viva Amares!” ----

----- **MARTINHO GONÇALVES ANTUNES BRAGA (PSD):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Hoje, em Portugal, vivemos em Democracia e em Liberdade porque um grupo de militares, os Capitães de Abril, no dia 25 de Abril de 1974, libertaram o nosso país da Ditadura, restituindo aos portugueses o sonho de um futuro livre e mais solidário. Faz hoje 40 anos que os portugueses de forma unânime se associaram aos militares para viver com alegria o momento que marcaria uma viragem profunda na história dos Portugueses e de Portugal. A Revolução de Abril devolveu aos portugueses a dignidade de viverem num país livre e com o direito de escolher o seu próprio destino. Comemorar o 25 de Abril é perpetuar na nossa memória coletiva um acontecimento histórico que transformou a

sociedade e o nosso país. É honrar todos aqueles que de forma corajosa e responsável contribuíram para a conquista dos valores de Abril. O desenvolvimento de uma nação é um processo contínuo e dinâmico da busca permanente de novas respostas aos desafios que todos os dias são colocados perante todos nós. Apesar das conquistas de Abril e da melhoria substancial da qualidade de vida global dos cidadãos ao longo destes 40 anos, Portugal é ainda um país com carências e ineficiências, quando comparado com os seus parceiros europeus. Portugal vive, a par do mundo, um momento difícil da sua história, uma conjuntura económica, financeira e social crítica e difícil que exige de todos nós um esforço redobrado. É nestes momentos de maior dificuldade que devemos mostrar coesão e solidariedade, pois desta forma estamos a contribuir para reforçar os valores de Abril e da Democracia. Neste contexto é fundamental que a Câmara Municipal de Amares desenvolva políticas de apoio social quer pela via da intervenção direta como através das Instituições Privadas de Solidariedade Social existentes no nosso concelho tendo em vista a resposta às carências sociais. O desemprego coloca graves problemas pessoais, familiares e sociais, tendo ainda um impacto muito negativo sobre o crescimento potencial da economia, por isso o combate ao desemprego deve ser uma prioridade de todos. Além dos jovens, que têm elevada taxa de desemprego, as pessoas com mais de 45 anos, estão particularmente expostas ao risco de exclusão permanente do mercado de trabalho. De um modo geral, são detentoras de experiência e conhecimento profissional muito relevante que não pode ser desperdiçado. É necessário que o executivo da Câmara Municipal, em articulação com as iniciativas nacionais implemente medidas concretas de desenvolvimento do mercado de trabalho em Amares. É necessário fazer uma aposta clara na formação em áreas estratégicas para o nosso concelho, como é o caso do turismo e agricultura, apoiar o investimento privado produtivo para que seja possível devolver a esperança aos Amarenses que se encontram sem emprego. Uma sociedade só é verdadeiramente livre se os seus cidadãos tiverem autonomia económica e financeira. E para isso, é preciso que o executivo da Câmara Municipal assuma a criação de emprego como uma das suas prioridades. Nas últimas décadas, Portugal teve avanços significativos em muitas áreas, fez um longo caminho, recuperou atrasos estruturais na saúde e educação, mas é importante ter bem presente que é preciso continuar a pugnar pelo progresso, pois só assim seremos capazes de aproximar os nossos indicadores de desenvolvimento à média Europeia e resolver questões importantes que ainda subsistem no nosso país. A coesão e desenvolvimento da sociedade dependem de vários fatores. A integração geracional aos diferentes níveis, instituições ou órgãos políticos é fundamental para garantir que as decisões de hoje não comprometem o futuro. Que as opções políticas têm em consideração a visão dos diferentes protagonistas da nossa sociedade, para que seja possível alcançar as condições necessárias à aplicação de medidas estruturais com efeito a médio e longo prazo. Para garantir que as opções políticas são inclusivas, abrangentes e duradouras. A participação conjunta entre pessoas de diferentes gerações é um meio natural para o desenvolvimento contínuo, de competências e conhecimento, situação essencial para uma capacidade de gestão política cada vez mais apta para responder aos desafios cada vez mais complexos e exigentes. Para além disso, esta comunhão geracional é um excelente veículo para a transmissão dos valores de Abril ao longo dos tempos.

Minhas Senhoras e meus Senhores; Honrar o legado do 25 de Abril é participar ativamente na democracia, é descer das bancadas e viver verdadeiramente a democracia, é assumir responsabilidades de cidadania. Um processo eleitoral é o momento onde somos todos chamados a participar ativamente na democracia. E aqui mais que o direito, temos também o dever, o dever de procurar conhecer as diferentes propostas e projetos, para que de forma livre e consciente possamos decidir qual o melhor caminho para os Portugueses e para Portugal. Discutir Portugal é discutir a Europa. Pensar a Europa é pensar Portugal. Eu, acredito na importância do projeto Europeu enquanto plataforma de projeção da Europa no Mundo. Por isso no próximo dia 25 de Maio é fundamental transmitir à Europa e ao mundo a nossa determinação na defesa deste projeto, assumindo o compromisso de enquanto membros da União Europeia participar ativamente nas eleições para o Parlamento Europeu. Em 2012 defendi uma maior abertura das comemorações do 25 de Abril à sociedade civil, podendo as mesmas ser um momento de excelência para apresentar tributo a todos os que contribuem ou contribuíram para o desenvolvimento do nosso concelho. Reconhecer aqueles que no passado estiveram disponíveis para assumir responsabilidades na gestão autárquica, que através do seu conhecimento, dedicação e esforço procuraram contribuir para a gestão da coisa pública e melhoria do bem comum deve ser também entendido como um estímulo a uma maior participação e empenho dos atuais e futuros responsáveis políticos. Esta homenagem corporizada naqueles que assumiram, ou assumem, funções como presidentes de Câmara e da Assembleia Municipal deve ser extensível a todas as pessoas que de forma mais discreta muito fizeram por esta terra ao longo da nossa história mais recente quer ao nível das freguesias como do município. Aproveito o momento, para deixar a todos, um voto sincero de louvor e um bem-haja. A expressão “25 de Abril” está inscrita na nossa memória, como um dos mais belos sinónimos da noção de LIBERDADE. A LIBERDADE, como todos sabemos, constitui um pilar essencial da Democracia. A ideia fundamental da liberdade cívica é a convicção profunda de que os direitos humanos não dependem do Estado, mas é ao Estado que cabe a responsabilidade de os aceitar e proteger. E porque a LIBERDADE, conforme demonstrado pelo passado, não nasce conosco – CONQUISTA-SE! **Nunca é demais recordar o dia da Liberdade.** Viva a Liberdade! Viva Amares! Viva Portugal! Muito Obrigado.” -----

----- **JOÃO LUÍS VELOSO ALVES ESTEVES (AP):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: A data que hoje aqui comemoramos foi considerada por um estudo recente elaborado pelo Instituto de Ciências da Universidade de Lisboa a mais importante da História de Portugal, o que por si só demonstra a dimensão do seu significado. Ora, fazendo eu parte de uma percentagem de quase 30% da população portuguesa que nasceu após o 25 de Abril de 1974, não senti na pele o que é viver num regime em que estamos completamente limitados na nossa liberdade, podendo, contudo, imaginar o que isso será. Não tendo vivido nesse tempo, posso imaginá-lo como a total limitação do homem, privado dos seus mais importantes direitos. Direitos que sempre encarei com total naturalidade tais como a liberdade de expressão, de associação ou de voto foram conquistados por um povo que, não temendo a mudança e toda a insegurança que dela adviria, saiu do medo, recusou a continuidade da subjugação, quebrou os

grilhões da ditadura e ousou gritar bem alto por um futuro a que tinha direito. É esse povo que hoje celebramos e a quem devemos uma enorme gratidão, sendo graças a ele que hoje aqui estamos, em total liberdade, podendo manifestar-nos de acordo com os nossos ideais e convicções, fazendo, por exemplo, desta assembleia um local de debate onde sobre os mais variados temas vamos dando as nossas diferentes perspetivas, sempre em prol do bem comum. No entanto, para além da dívida de gratidão cabe-nos defender essa liberdade até às últimas consequências ir aperfeiçoando-a cada vez mais. Sr. Presidente, Minhas senhora e meus senhores; Hoje, no dia em que celebramos os 40 anos de liberdade é uma excelente oportunidade para, ao mesmo tempo que comemoramos esta data, refletirmos também sobre os ideais da Revolução dos cravos, ideais esses que assentam na LIBERDADE, conceito tão caro a todos nós que o sentimos como um valor inalienável, intrínseco ao nosso carácter, inscrito no nosso comportamento e na nossa genética intelectual. Num período em que o poder político português vive limitado às imposições previstas num memorando de entendimento, tendo-lhe sido retirada soberania e em que a população está cada vez mais empobrecida, faz todo o sentido questionar se foram estes os desígnios que aqueles militares que operaram a revolução, colocando em causa as suas próprias vidas, idealizaram para o nosso país. Pois, se é certo que com o 25 de Abril de 1974, conquistamos a LIBERDADE arrebatando do nosso sistema político uma mordaza que foi instituída por mais de 40 anos, não podemos olvidar que a liberdade corre de braço dado com a RESPONSABILIDADE. Como jovem autarca nascido em finais da década de 80, vejo o 25 de Abril de 1974 como uma grande oportunidade para que todos nós possamos contribuir livremente na discussão de todos os assuntos que digam respeito ao bem comum, podendo cada um de nós desempenhar um papel ativo no desenvolvimento da nossa sociedade e, ao mesmo tempo, fazer jus a todos os que, com enorme sacrifício, lutaram pela liberdade. Nos dias de hoje, em que o nosso país atravessa uma das mais graves crises económicas de toda a sua história é importante que olhemos para a data que aqui comemoramos como um exemplo de resiliência, coragem e determinação e que possamos ir buscar a esse exemplo inspiração para o futuro que nos compete a todos nós desenhar. Ao mesmo tempo é necessário também atender a valores tão altos como a fraternidade e a solidariedade para com os mais necessitados, que aos poucos vêm sendo esquecidos pela nossa sociedade, e nos quais a revolução dos cravos também assentou. Para terminar, o Grupo Independente Amares Primeiro, tudo fará no respeito de todos e no cumprimento das mais elementares regras democráticas, que nos foram legadas, para ajudar no desenvolvimento do nosso concelho e em prol do bem comum. Esta é a melhor forma de comemorar Abril. Viva o 25 de Abril, Viva a Liberdade, Viva Amares.” -----

----- **FRANCISCO ANTÓNIO PEREIRA ALVES (PS)**:- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Hoje comemoramos o 25 de Abril de 1974, acontecimento que inscreveu Portugal no restrito grupo de países que são governados por um regime sustentado em critérios de uma democracia integral. O 25 de Abril restituiu ao povo Português a liberdade e a esperança num futuro melhor que urge preservar e transmitir às novas gerações. O 40º aniversário da Revolução dos Cravos ocorre, todavia, numa dos momentos mais conturbados da nossa história em que a conjugação da pesada crise do sistema financeiro internacional com as

debilidades ascendentes da economia portuguesa alimentou uma situação social de enorme complexidade. Comemorar o 25 de Abril é recordar o esforço de todos aqueles que, ao longo destas quatro décadas, se empenharam na construção de um país mais livre, mais justo e mais solidário. Afirma-se, por vezes, que a comemoração de uma data histórica como esta, apesar da sua importância para a sociedade, famílias e cidadãos, vai perdendo apropriação e energia à medida que os anos vão passando. Afirmam alguns que os mais novos, os nascidos em liberdade, não dão qualquer valor a um acontecimento que parece constituir pertença exclusiva dos “mais velhos”. Outros, por sua vez, tentam mesmo dizer que, hoje, não faz nenhum sentido festejar a Revolução dos Cravos e a conquista da democracia e da liberdade que lhe estão associadas. Não podemos, de modo algum, estar em concordância com estas afirmações! Porém, apesar das conquistas de Abril e da melhoria substancial da qualidade de vida global dos cidadãos, ao longo destes 40 anos, Portugal é ainda um país com enormes carências e ineficácia, quando confrontado com os seus parceiros europeus. Vivem-se, hoje, tempos de enormes sacrifícios, numa crise que ameaça esta e as próximas gerações. Contudo, é nestes momentos de crise económica, financeira e social que devemos mostrar a nossa coesão e natureza solidária, porque a solidariedade é um conceito que se inclui na construção da democracia. Portugal possui na sua história uma longa e louvável tradição de solidariedade social através da atividade de instituições filantrópicas, como são, entre outras, o caso das Misericórdias e das Instituições Privadas de Solidariedade Social. Todavia, a Segurança Social no nosso país tem vindo a desenvolver políticas sociais importantes, atribuindo apoios sociais concretos, mas, visivelmente, insuficientes. Atualmente, os baixos níveis de produtividade, o aumento do desemprego e o envelhecimento da população têm vindo a colocar problemas graves à sustentabilidade da proteção e segurança social, para a qual se tem procurado novas respostas e novos modelos de funcionamento. Assim, vivemos, hoje, na eminência de tomar medidas, produzindo reformas estruturais inadiáveis e de acudir, simultaneamente, a exigências conjunturais que afetam penosamente os cidadãos. Como é do conhecimento público, o executivo desta Câmara Municipal estabeleceu, como prioridades, a Educação, a Saúde e a Ação Social através do apoio social aos cidadãos e famílias mais necessitados, com várias medidas, das quais se podem destacar o Programa de Apoio à Habitação Social, recuperação de casas degradadas através do programa "habitação digna", a criação do cartão municipal do idoso, o Programa de Apoio à aquisição de medicação para idosos com poucos recursos e o pagamento de transportes escolares até ao 12º ano de escolaridade. Com estas medidas, além de outras que se inscrevem numa opção clara por políticas sociais consistentes, o executivo camarário tem a percepção nítida de que, apesar das conhecidas limitações financeiras, está, mesmo assim, por essa via, a cumprir abril. Deste modo, será legítimo concluir que Portugal, desde as autarquias ao Poder Central, só poderá reduzir a desigualdade e a pobreza se apostar fortemente na educação e na qualificação dos seus cidadãos. Educar, apoiar a educação e o ensino é, claramente, uma premissa de abril. Levar à prática o ideal do 25 de Abril é fazer com que os cidadãos vivam melhor e, acima de tudo, com melhor qualidade de vida. Essa é a nossa obrigação, esse é o nosso dever. As comemorações do 25 de abril que, hoje, vivemos devem servir, sobretudo, para uma reflexão profunda sobre o que se passa no país. Todos sabemos como

estamos, mas a mentalidade conformista e servil que se instalou é que nos deve preocupar. A História diz-nos que foi esta mentalidade que nos fez estar 48 anos sob o jugo de uma ditadura... e hoje? Hoje... a economia não se encontra em função do bem comum, mas sim do bem de alguns, uma minoria que detém a hegemonia sobre Portugal. Hoje..., em favor desses poucos, estamos a sacrificar duas ou três gerações por se teimar em rumar por um único caminho, o da política de austeridade e de submissão ao neoliberalismo, que toda a gente vê, menos a minoria dos beneficiados, o que é, manifestamente, errado. Hoje..., esta atitude fundamentalista do governo, de empobrecimento do país e dos portugueses, faz-nos recordar o prefácio do Estado Novo. E a verdade é que, hoje... vivemos sob essa nova forma de totalitarismo que é a ditadura dos mercados, levando a que já tivéssemos assistido, dentro da própria Europa, a governos não eleitos pelo povo, a governos tecnocratas. Hoje... vemos que o fosso entre os mais abastados e os mais desfavorecidos da sociedade é cada vez maior. Os dados disponíveis mostram que 20 por cento da população vive no limiar da pobreza e quase 1 milhão de pobres vive com menos de 10 euros por dia. Existem, em Portugal, 200 a 250 mil pessoas cujas habitações em que moram não têm as condições dignas para um ser humano. Por isso, hoje, mais do que nunca, a memória do 25 de Abril deve manter-se viva em nós que prezamos a vida e a dignidade das pessoas seja qual for a sua cor, credo, ou raça. Voltámos a ser um país da diáspora! Hoje... assistimos, promovida pelo governo, à emigração da geração produtiva, jovem e com formação, levando a que as gerações vindouras estejam hipotecadas, pois a população ativa futura será demasiado reduzida para poder produzir de modo a viver e a pagar as reformas e pensões de uma sociedade envelhecida. Hoje... acentuam-se as assimetrias regionais entre o litoral e o interior, os ataques à educação, tememos pelo Sistema Nacional de Saúde e ficamos estupefactos com as constantes ofensivas ao poder local que colocam em causa a autonomia das autarquias. Hoje..., num país tão centralizado como o nosso, sob o nome de Reforma do Estado, prepara-se mais um ataque ao poder local democrático. As medidas previstas, nesta reforma, colocam em risco os apoios que os municípios prestam às populações. Lembremo-nos que as autarquias locais, as quais são parte da organização democrática do Estado, desenvolvem uma administração descentralizada do mesmo, colmatam falhas verificadas nos locais em que o Estado com a sua política centralista não consegue suprir. Todos sabemos que a política de proximidade proporcionada pelas autarquias é importante. É urgente, por conseguinte, que o poder local se afirme e não o contrário, que se afirme, na atual conjuntura, pela capacidade das suas políticas sociais que sustentam uma sociedade desenvolvida, mais justa e mais livre. E o Partido Socialista está, como sempre esteve, ao lado do poder local, ao lado do povo, do lado de abril e de Portugal! VIVA O 25 DE ABRIL. VIVA A LIBERDADE. VIVA A CIDADANIA. VIVA O CONCELHO DE AMARES. VIVA PORTUGAL.” -----

----- **PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL:-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Os dias de comemoração, para além da justa lembrança da história e do passado, são uma oportunidade para pensar o presente. Abril é um daqueles momentos que nos engrandece como Povo português e nos inspira como pessoas. Foi há 40 anos que os nossos capitães travaram essa luta heroica: uma batalha ideológica, pacífica e determinante para a vida de cada um de nós portugueses, e de tantas outras pessoas espalhadas pelo mundo! O 25 de Abril

é um marco, uma vitória da dignidade humana. Rompe com 48 anos de ditadura, em que o medo, a guerra, a pobreza e o silêncio, que nos perseguiram em cada esquina do nosso país, foram dissipados! No “Depois do Adeus”, o alerta para a senha que riria dar início á revolução, pressente-se em Portugal uma lufada de ar que vai quebrar barreiras, abrir portas, revitalizar sonhos e espaços moribundos. Assim, comemorar estas 40 anos do dia da revolução dos Cravos é lembrar a todos, os que exercemos cargos políticos mas também à sociedade civil, o legado que nos entregaram em mãos e a responsabilidade em assumirmos o papel de construtores e continuadores do projeto Democrático que Abril de 74 inaugurou. A importância do poder local, como uma via privilegiada de descentralização, constitui uma das grandes conquistas da democracia Representativa. As autarquias locais, como órgãos próximos e escolhidos pela população, deram voz aos anseios e problemas das localidades, permitindo o salto qualitativo e quantitativo no desenvolvimento e na qualidade de vida nos concelhos e no país. Os autarcas foram e são as pessoas que, de forma mais próxima, procuraram compreender as dificuldades do povo e responder à suas necessidades e anseios. É por isso que hoje queremos destacar de forma muito especial os homens e mulheres que, ao longo destes 40 anos, assumiram a missão de representar o povo, pois tiveram uma importância decisiva para o concelho que hoje Amares é. Foram muitas as pessoas eleitas ao longo dos anos que se apresentaram para servir Amares e os Amarenses e construir um concelho à medida dos seus ideais; na Câmara Municipal, na Assembleia, nas Juntas de Freguesia. Envolveram-se em, nome da causa pública, discutiram, pensaram, emocionaram-se e viveram por Amares. Com certeza, em muitos momentos com sacrifício para as suas vidas pessoais e familiares! Nesta data tão importante da nossa democracia, gostaria de lembrar e agradecer a cada uma das pessoas que exerceram cargos em órgãos políticos e dignificaram a missão de representação e serviço do Povo. Simbolicamente materializamos uma homenagem aos ex-autarcas que exerceram os papéis de Presidente da Assembleia Municipal nestes 40 anos de Democracia. Neles queremos englobar todos os autarcas que neste Município serviram a Democracia. O sentimento comum foi a defesa das suas terras e populações! E é isso que nos une!... Cada um desempenhou o seu papel em diferentes momentos e com diferentes especialidades, desafios e dilemas, dando com certeza o melhor de si: Lembro que foi a 12 de dezembro de 1976, com as primeiras eleições autárquicas, que os municípios e o poder local se constituíam como uma realidade inteiramente democrática, resultando do sufrágio direto e universal. Amares inicia então o seu caminho para se erguer da situação moribunda em que se encontra, à semelhança das pequenas localidades do país. É uma fase em que falta quase tudo e se torna necessário desenvolver um conjunto de obras essenciais ao nível de infraestruturas e equipamento básico (água, esgotos, ruas, eletricidade ...), muitas vezes sem meios financeiros e humanos, para promover a melhoria das condições de vida. Esta é uma época de entusiasmo da população que se sente motivada com a possibilidade de participar na vida cívica, na dinâmica cultural e na implementação do associativismo. A partir da década de 80 surgem novos desafios ao poder local, resultantes da conjuntura do país e também da adesão à Comunidade Europeia e aos fundos de apoio financeiro e comunitário. Desafios voltados para a necessidade de planeamento e eficácia administrativa:- como gerar emprego? ... Nos anos

seguintes, na sequência da crescente globalização, as autarquias confrontam-se cada vez mais com a necessidade de pensar de forma global agindo localmente nos seus contextos, apostando num desenvolvimento sustentável e no aprofundamento da democracia através do reforço da cidadania. São múltiplos os constrangimentos financeiros, as exigências e responsabilidades e a necessidade de afirmação do território perante uma conjuntura nacional e mundial que condicionam as tomadas de decisão e as prioridades assumidas por cada autarca. Como colaboradores de Abril, cada um dos que hoje homenageamos contribuiu para os grandes ganhos de Amares e teve um impacto na vida da nossa população: – ao nível da educação e saúde, da igualdade de oportunidades, do combate ao isolamento, do fomento da participação cívica ... Amares é hoje um concelho com dinâmicas implantadas e com inúmeros motivos que nos orgulham! Este é portanto o momento de vos agradecer em nome da população de Amares, em nome da Câmara Municipal e em meu nome pessoal pelo vosso contributo dado ao nosso concelho. Porque fazem parte desta casa, inaugurar as fotografias dos autarcas é um ato que muito nos honra. Estivemos e estamos unidos por uma causa comum: o serviço público e o desenvolvimento de Amares. Na atualidade o país vê-se confrontado, por toda a conjuntura, com um ataque feroz às fundações basilares da democracia. A asfixia coloca em relevo as desigualdades sociais, as desigualdades de oportunidades. No exercício do poder local somos confrontados com a questão inquietadora:- Como reconstruir a esperança semeada há 40 anos com a promessa de uma “terra da fraternidade” inspirada na Grândola? Como continuar a cumprir Abril?... A resposta a esta questão terá implicações nas futuras gerações naquilo que seremos no futuro. Assim, creio que este é o tempo de valorizar e dar voz à democracia participativa! E, por isso, o meu apelo ao contributo de todos para a construção do futuro, do nosso futuro, do futuro dos nossos filhos ... mais do que criticar é tempo de valorizar! É verdade que não há soluções fáceis para problemas difíceis. A crise financeira e económica, política e social exige a união e o diálogo capazes de promover as transformações necessárias. É com humildade e sentido de responsabilidade que assumo este desafio a cada dia. Viva o 25 de Abril! Viva Amares!” -----

----- **PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Como é tradição a Assembleia Municipal reúne em sessão extraordinária para evocar o Dia da Liberdade. É assim desde a implementação do Poder local democrático em Portugal. O programa destas comemorações só foi possível devido à disponibilidade da Banda Filarmónica de Santa Maria de Bouro, Grupo Coral da APEA, Clube Desportivo Recreativo e Cultural Amarense, Bombeiros Voluntários de Amares, Núcleo da Cruz Vermelha de Amares e Secção Columbófila de Amares. É de toda a justiça referenciar estas associações que se mostraram, desde a primeira hora, e ao longo dos últimos anos, disponíveis para participarem nestas comemorações, certamente com alguns sacrifícios pessoais. Deixo um repto ao Sr. Presidente de Câmara para que tenha em atenção e que valorize as associações deste concelho que estão sempre disponíveis para participarem nas atividades deste Município. Quero também agradecer aos grupos municipais: Movimento Independente Amares Primeiro, PSD, CDS/PP e CDU por terem contribuído, nas conferências de líderes, com as suas ideias e a sua

disponibilidade para que estas cerimónias de Abril, que não são desta mesa da assembleia municipal, mas do concelho de Amares, fossem comemoradas com a dignidade que se impõe. ---

A homenagem aos presidentes da Assembleia Municipal e Câmara Municipal, como símbolos dos 40 anos de Poder Local democrático, não teria sido possível sem o apoio do Sr. Presidente da Câmara e da sua equipa, às quais, quero agradecer, de forma particular, pela postura interventiva, interessada e empenhada com que se dedicaram a esta homenagem do Poder Local: à dr. Raquel Sousa, e Dr. Nuno. Da mesma forma quero agradecer ao dr. Rui Veloso, técnico superior deste município, pela dedicação e empenho. Comemorar abril e respeitar o seu espírito é lançar bases para o futuro, é traçar caminhos possíveis que nos permitam acreditar num amanhã mais próspero e mais justo. Um dos pilares essenciais é o respeito por todos quantos têm contribuído para consolidar, enraizar e aperfeiçoar a vida democrática. É esse legado e reconhecimento, que hoje, esta Assembleia Municipal, através da homenagem realizada, pretende deixar para as gerações futuras. Porque nada se constrói do nada, mas sim, de uma gradual e morosa aprendizagem com os erros e os sucessos dos nossos antecessores. Sendo o objetivo dos que sucedem respeitar o trabalho realizado e tentar fazer melhor. Só podemos estar em condições de preparar o futuro se fizermos uma reflexão profunda e justa sobre o caminho que percorremos até aqui. Sem ódios e ressentimentos pessoais. O Poder Local, tal como o conhecemos, é um rebento de abril. A revolução de abril permitiu, gradualmente, ao Poder Local florescer e aprender, conduzindo-nos a um processo de democratização sem precedentes. Cabe às Assembleias Municipais acompanhar e fiscalizar a atividade da câmara municipal, mas também o debate, a iniciativa e a reflexão sobre assuntos locais. E nesse sentido, não podemos ser apenas reativos, mas continuar a ter a iniciativa, como nos últimos anos, de trazer para este plenário o debate necessário e pertinente sobre as questões do concelho. Porque é através desta tribuna, que devemos procurar influenciar o executivo camarário, para aquilo que entendemos ser o caminho para o nosso concelho, com firmeza e convicção, porque é esse o nosso dever. E o executivo camarário não deve esquecer que este órgão é o que representa democraticamente, de forma formal, a maior diversidade de ideias e opiniões do nosso concelho e que merece a sua atenção, ponderação e respeito. Abril nasceu do confronto e da divergência. Na sociedade de hoje existe uma corrente técnico-racional que nos pretende formatar para perspetivar o confronto e a divergência como algo negativo, tentando impor o pensamento único e conformista. Por isso, devemos enquanto agentes políticos, promover a inquietude e a autocrítica. A Assembleia Municipal é o lugar da palavra e como em Abril, a palavra é a arma. Saibamos utilizá-la e saibamos ouvir e interpretar as palavras de cada um. Não podemos desvalorizar a importância da intervenção pública porque celebrar Abril e fazer democracia é denunciar, sem medos, com seriedade e com exigência, os novos perigos e ameaças para as liberdades dos cidadãos. A revolução de 25 de abril de 1974 mudou decisivamente o panorama político português ao terminar com uma ditadura de 48 anos e reinstalar o regime democrático em que os partidos políticos são a sua base. Mas, o 25 de abril deve ser cada vez mais um espaço de liberdade e cidadania que deve ir muito além da ação partidária. O reforço da democracia e da cidadania exige o contributo da mais ampla diversidade de atores sociais e estruturas organizadas, para

sermos firmes na defesa de políticas públicas que combatam as desigualdades sociais. Evocar abril é lançar esperança e abrir caminho para novos desideratos, onde o cidadão é, e terá de ser sempre, o centro das preocupações. Os símbolos de 1974 não podem ser entendidos como dogmas como se o tempo não passasse. A democracia é um caminho indeterminado, aberto, que não pode condicionar as opções das gerações futuras, que precisa de ser constantemente reinventado e alimentado, quer através do discurso público quer da prática política. Ao fim de 40 anos muita coisa mudou, e estas comemorações são a oportunidade para uma reflexão sobre a atual conjuntura em que o país vive. Porque respeitar e defender os princípios de abril de 1974 não é apenas celebrar as suas conquistas, é, também, identificar os problemas e os erros que se têm cometido e proporcionar as reformas necessárias para a sua solução. Hoje, são as novas gerações que exigem que a classe política atual compreenda que a sociedade mudou e que continua a mudar muito rapidamente. A minha geração, “filha da madrugada” de abril, foi uma das destinatárias dos ideais da revolução, que foi feita por jovens que ansiavam um mundo mais aberto do que as paredes e grades onde o país vivia encerrado. As novas gerações, para as quais o conceito de liberdade foi “legado” como algo natural, são as mesmas gerações para as quais o atual sistema democrático está a ser incapaz de criar novos horizontes, confrontando-se com mensagens contraditórias e confusas em relação ao regime democrático. Não podemos permitir que se tornem indiferentes à política, já que a indiferença perante a política poderá converter-se também em indiferença perante a própria democracia. A estas novas gerações também lhes foi legado um modelo de crescimento económico incapaz de gerar novas oportunidades de trabalho com consequências em níveis de desemprego elevados. Estas gerações estão confrontadas com um futuro sem perspectivas, assente na precaridade e na crescente individualização das relações sociais, que comprometem, seriamente, as relações de trabalho, comunidade, sentido identitário e, com maior incidência e preocupação, num dos pilares da construção social – a família. Como nos diz *Richard Sennett*, na *Cultura do Novo Capitalismo*, “os locais de trabalho mais parecem estações de caminho-de-ferro que aldeias e a vida familiar continua a ser perturbada pelas exigências laborais. A migração é o ícone da era da globalização. As pessoas já não se instalam algures, deslocam-se.” Nestes tempos de novas ditaduras, a liberdade de ação está subjugada aos interesses económicos, dos mais ricos sobre os mais fracos. Estas gerações vivem numa modernidade líquida, que *Zygmunt Bauman* muito bem retratou, onde o tempo e o espaço deixam de ser concretos e absolutos para serem líquidos e relativos. Onde os indivíduos não possuem padrões de referência, nem códigos sociais e culturais que lhes possibilitem, ao mesmo tempo, construir a sua vida e se inserir dentro das condições de cidadão. A esta geração, infelizmente, juntou-se os seus pais, confrontados também com desemprego, com a incerteza, e com as constantes alterações nas regras das pensões. Torna-se, assim necessário, conscientes desta fragmentação, lutar pela realização de uma democracia económica e social concretizadora da equidade real entre os cidadãos e do seu bem-estar. O 25 de Abril precisa de nós. Lutar, concretizar e optar é o seu legado que devemos afirmar hoje e sempre. Viva Amares. Viva Portugal.” -----

----- E não havendo mais nada a tratar, o sr. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal declarou encerrada a presente reunião (única), da primeira sessão ordinária do corrente ano da Assembleia Municipal de Amares, da qual se lavrou a presente Ata, que tem como suporte gravação digital de tudo quanto ocorreu na respetiva reunião, que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, que dirigiu os trabalhos, e por mim, **Rui Agostinho Gonçalves Veloso**, Técnico Superior do Mapa de Pessoal único deste Município, para tal efeito designado, que a redigi e dou fé de que tudo se passou como nela fica exarado.-----

Presidente da Assembleia Municipal
(João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros)

O Técnico Superior
(Rui Agostinho Gonçalves Veloso)